

VOLUNTÁRIOS NA ESCOLA: expectativas e necessidades

Ana Carla Chaves Fernandes
Marinara Guimarães dos Santos
Maria de Fátima Teixeira Barreto
UFG-FE

Resumo

A presença do voluntário na escola é defendida pela proposta de Comunidades de Aprendizagem. Existem diversas indicações de ações do voluntário em várias atividades da escola e na sala de aula. Em sua maioria, em sala de aula e na biblioteca da escola, aonde realizam as atividades proposta pelos professores da instituição com o auxílio dos voluntários. O desempenho dos voluntários junto aos alunos, com a orientação do professor nas atividades na sala de aula podem diversificar as interações entre os sujeitos e potencializar momentos para colaboração e aprendizagem dos alunos. Este trabalho tem como objetivo investigar como se dá a atuação de voluntários no projeto “Comunidades de Aprendizagem: a formação docente em um modelo comunitário de escola” a partir do vivido em uma escola pública municipal em Goiânia - GO, campo de ação do PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás. Nesta vivência, observamos que as atuações dos voluntários, em atividades de êxito (AE), que se fundam em sete princípios da aprendizagem dialógica. Este estudo indica que a necessidade de momentos sistemáticos de formação de voluntário, pois é preciso que tenham clareza dos princípios da aprendizagem dialógica e compartilhem modos de atuação junto aos grupos visando uma melhoria na aprendizagem dos alunos.

Palavras-chave: Voluntários. Comunidades de aprendizagem. Aprendizagem dialógica.

Introdução

Este trabalho se insere no contexto das discussões sobre a presença de voluntários na escola, em uma proposta de Comunidades de Aprendizagem. Esta proposta se desenvolveu inicialmente na Espanha a partir de 1990, considerando os estudos realizados pelo Centro de Investigação em Teorias e Práticas de Superação de Desigualdades (CREA), da Universidade de Barcelona. No Brasil, o Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa (NIASE), da Universidade Federal de São Carlos, em cooperação com este centro, tornou-se o principal incentivador desta proposta.

Recentemente, a Faculdade de Educação-UFG, apoiada por integrantes do NIASE, propôs um projeto ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência-PIBID, intitulado “Comunidades de Aprendizagem: a formação docente em um modelo comunitário de escola”, que traz como propósito pensar a formação docente a partir da implantação de comunidades de aprendizagem em escolas de educação básica da rede pública de ensino. A proposta de Comunidades de Aprendizagem se baseia em sete

princípios da aprendizagem dialógica, que resumimos a seguir (COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM, 2015):

- Diálogo igualitário- todos devem ter a mesma oportunidade de falar e escutar. O que importa é o argumento apresentado e não o status de quem o produz.
- Inteligência Cultural - todos podem ensinar algo que lhe é próprio, de suas características pessoais relacionadas ao seu convívio cultural.
- Transformação- as interações e os conhecimentos adquiridos favorecem as transformações pessoais e da realidade.
- Dimensão Instrumental- habilidades e conhecimentos servem como instrumentos para a reflexão e transformação social, portanto devemos aprender sempre.
- Criação de sentido- quando a experiência ou conhecimento se aproxima da nossa realidade, valorizando e respeitando as individualidades possibilita a criação de sentido.
- Solidariedade- todos devem aprender mais, por isso devem se ajudar e se apoiar.
- Igualdade de diferenças- para que todos possam se envolver, interagir deve-se respeitar igualmente as diferenças existentes.

Conforme nos coloca Aubert et al (2008, 167)

A Aprendizagem Dialógica acontece nos diálogos que são igualitários, em interações em que se reconhece a inteligência cultural de todas as pessoas, e está orientada para a transformação do grau inicial de conhecimento e do contexto sociocultural, como meio de alcançar o êxito de todos.

A Aprendizagem Dialógica acontece em interações que aumentam a aprendizagem instrumental, favorecendo a criação de sentido pessoal e social, e que são guiadas pelo sentimento de solidariedade, em que a igualdade e a diferença são valores compatíveis e mutuamente enriquecedores. (AUBERT, *et al.*, 2008, 167, *apud APRENDIZAGEM DIALÓGICA.*)

Os princípios da aprendizagem dialógica se fundamentam no pensamento de Habermas (1989), para quem o conhecimento se dá no diálogo, na possibilidade de troca do que o outro compreendeu por meio da sua vivência no mundo. Também o pensamento de Paulo Freire (2003) sustenta os princípios. Para ele, o diálogo só se estabelece quando a palavra vem acompanhada de ação e reflexão. Assim, o indivíduo pode desenvolver a crítica, e perceber-se agente transformador do contexto social.

O projeto de pesquisa europeu desenvolvido pelo CREA, denominado Includ-ed (INCLUD-ED, 2012), identificou nos estudos realizados, atuações que apresentaram como resultado uma melhoria na aprendizagem dos alunos e convivência nas escolas:

grupos interativos, tertúlias dialógicas, biblioteca tutorada, formação de familiares, participação educativa da comunidade, modelo dialógico de prevenção e resolução de conflitos, formação pedagógica dialógica.

Quando a escola se propõe a ser uma Comunidade de Aprendizagem, persegue os princípios da aprendizagem dialógica e desenvolve as atuações de êxito indicadas no relatório Includ-ed. Isto implica abrir as portas para a participação da comunidade com o intuito de ampliar as interações e as oportunidades de aprendizagem, visto que há um sentimento de corresponsabilização entre escola e comunidade, pela aprendizagem e educação dos alunos, sendo os voluntários fundamentais para a garantia, fortalecimento e ampliação das interações nas atuações da escola (FORMAÇÃO DE VOLUNTARIOS, p. 4).

De acordo com o Guia do Voluntário (p.2) qualquer pessoa pode ser voluntário na escola, mesmo que não tenha experiência acadêmica, pois o que mais importa é a diversidade de interações, pois estas levam a mais oportunidade de aprendizagem. O que o que é solicitado ao voluntário é o compromisso e entusiasmo para participar do projeto e a sua formação é realizada pela própria escola que o recebe.

Os voluntários são convidados para atuar nas várias atividades desenvolvidas pela escola. Na escola em que este estudo foi realizado a atuação do voluntário restringiu-se às atividades realizadas na sala de aula, com alunos dos anos iniciais do ensino fundamental, quais sejam grupos interativos (GI) e tertúlias literárias (TL).

Os grupos interativos são momentos para revisão de conteúdos, com os alunos reunidos em grupos resolvendo questões propostas pelo professor da disciplina. Se dão em sala de aula, no turno do aluno, por um período de 1h 30min, com a participação do voluntário e sob a supervisão do professor da turma, tendo por objetivos reforçar e acelerar a aprendizagem (MELLO, BRAGA, GABASSA, 2012).

A Tertúlia Literária Dialógica (GABASSA, 2012) é uma atividade de leitura de livros da literatura clássica universal. Deve acontecer semanalmente, em encontros com duração de uma a duas horas por dia, em horário e local definidos. Na tertúlia literária, a obra a ser trabalhada com a turma é apresentada pelo grupo de voluntários da sala ou pelo professor presente, que ao ser lida para todos, é aberto um espaço de conversa na sala, aonde os alunos e todos os voluntários podem interpretar aquilo que o autor

escreveu, além de expor compreensões que tiveram de acordo com suas experiências e visões de mundo (MELLO, BRAGA, GABASSA, 2012).

Em ambas as atividades, os voluntários são envolvidos, mas “[...] não substituem professores ou outras pessoas responsáveis por diferentes áreas; são elementos que agregam qualidade ao fornecer mais ajuda a potencializar as diversas interações, com o objetivo de melhorar o processo de ensino e aprendizagem” (GUIA DO VOLUNTÁRIO, p. 2). A idéia é que eles promovam o diálogo e que encaminhe para a solução de conflitos que porventura surjam no sentido de minimizar desigualdades.

A vivência como bolsistas de PIBID, em uma escola Municipal de Goiânia, nos impulsionou a investigar como se dá o trabalho do voluntário, em uma escola que se propõe a vivenciar atividades em Comunidade de Aprendizagem (CA): quem são? quais as suas expectativas e que expectativas lhe são depositadas? Como são as atuações desses voluntários e quais as contribuições e entraves para o atendimento a tais expectativas?

Embora os voluntários estivessem atuando em grupos interativos e em tertúlias literária, para este estudo nos limitamos ao acompanhamento das atividades somente em grupos interativos nas aulas de matemática, conforme descreveremos a seguir.

Da Chegada dos Voluntários à Constituição dos dados para a Investigação

Para a realização deste estudo, de natureza qualitativa, foram acompanhadas atividades em vivências de Grupos Interativos com presença de voluntários integrantes da comunidade em geral, entre os meses de março a julho de 2015, em uma escola Municipal de Goiânia, durante o primeiro semestre de 2015.

A organização da escola para a atuação dos voluntários se iniciou em março de 2015, com um convite público por meio de cartaz afixado em espaços comerciais do baixo e por meio de convite com carro falante nas mediações da escola. O convite estabelecia horário e dia para que os interessados em contribuir com as atividades da escola comparecessem para conhecer a proposta.

A reunião contou com a presença de quarenta candidatos a voluntários, que assistiram a uma palestra sobre a proposta de Comunidades de Aprendizagem, e sobre o papel dos voluntários junto à proposta. Foi entregue ficha de inscrição e termo de compromisso dos voluntariados e marcada uma segunda reunião para uma formação para as atuações em Grupos Interativos e Tertúlias Literárias. No dia agendado,

compareceram trinta voluntários que foram orientados e distribuídos nos grupos de trabalho nas várias turmas da escola. A partir desta orientação, os voluntários receberam crachás de identificação que os autorizavam a entrar na escola nos dias em que ocorreriam as atividades em que atuariam. Os voluntários participavam uma vez por semana por um período de 2 horas, dentro da proposta de atuação de Comunidades de Aprendizagem e assinavam frequência em cada dia de atuação, para que ao final do semestre fosse emitido certificado de participação conforme horas de trabalho.

Dos trinta voluntários, 10 atuaram em grupos interativos nas aulas de matemática, em 8 turmas. Nestas ações, com expectativas de potencializar a aprendizagem dos alunos, o professor responsável pela turma com o auxílio dos bolsistas de PIBID-FE-UFG, organizaram o trabalho da sala de modo que cada voluntário acompanhasse a atividade junto a grupos de 4 a 6 alunos, em atividades para a revisão de conteúdos trabalhados com a turma.

Os grupos interativos para o estudo da matemática se deram com dois tipos de atividades alternados quinzenalmente: problemas matemáticos (problematoteca) e jogos matemáticos com situações problemas a eles relacionados (jogoteca).

Na problemoteca, cada voluntário acompanha a solução de um problema, com todos os grupos da sala. Os alunos devem ler, interpretar e buscar soluções para o problema proposto, e somente mudam de problema acompanhados por outro voluntário, quando todos do grupo tiverem solucionado o problema. Almeja-se o compromisso, entre os alunos, de auxiliarem-se no cumprimento da tarefa e com este procedimento espera-se que resolva, de 5 a 6 problemas por encontro.

A jogoteca consiste em uma aula baseada em jogos matemáticos, com o propósito de colocar os alunos em atividade matemática a partir da ação, reflexão compartilhada e registro. Por 15 minutos os alunos realizam o proposto pelo jogo e em seguida resolvem problemas elaborados a partir do vivido na ação de jogar, num tempo de aproximadamente 15 minutos, seguindo uma rotina semelhante ao descrito na problemoteca. Após estas atividades, o grupo muda de jogo, repetindo todo o processo.

Em cada vivência, foram realizadas anotações em diário de campo, pelas bolsistas do PIBID e, ao final de cada momento eram realizadas entrevistas com voluntários, que desejassem dar seu depoimento, buscando sua avaliação do vivido. Ao final do trabalho do primeiro semestre de 2015, foi realizada uma reunião com todos os

voluntários, para que eles avaliassem o vivido. Esta avaliação foi conduzida pelas seguintes questões: o que você aprendeu ao trabalhar como voluntário? Qual a principal dificuldade que você encontrou sendo voluntário? Haveria como minimizar tal dificuldade? Como você se sentiu ao realizar o trabalho como voluntário? O que você acha da proposta de grupos interativos? Você acha que os alunos aprendem? Como você vê o trabalho com voluntariado na escola?

As anotações diárias, as entrevistas e a avaliação final constituíram-se em dados para análise na busca de respostas para a questão postas para esta investigação. As anotações foram lidas na busca de unidades significativas para a questão inquiridora e interpretadas. O obtido como reflexão nesta análise são apresentados a seguir.

Sobre os voluntários, suas expectativas e motivações

Os voluntários que atuaram na problemoteca e jogoteca, atividades organizadas para serem realizadas nos grupos interativos para o estudo da matemática, são alunos do turno matutino, cursam o ensino fundamental II, e compareceram à formação de voluntários convidados pela professora de matemática da escola.

O grupo de voluntários que atuou nas atividades de matemática eram alunos do turno matutino, com idade entre 12 e 15 anos. Alguns princípios da aprendizagem dialógica, além da facilidade em lidar com a matemática, motivam os alunos a serem voluntários. De acordo com os depoimentos, o que os motivou ao trabalho foi a oportunidade de ajudar o outro; e de aprender com o outro, lembrando o que já estudaram e ainda para aprender a trabalhar em grupo, sem que a competitividade seja valorizada.

Bom, porque eu gosto muito, porque além de ajudar as pessoas, você aprende mais e interage com o grupo também.” (depoimento voluntário 2)

O princípio da solidariedade de algum modo mobiliza a ação dos voluntários, eles sentem-se valorizados, por lhes terem dado a responsabilidade de ajudar o outro, e reconhecem o outro como alguém não menos importante ou conhecedor que ele, mas alguém com quem pode aprender e lembrar conteúdos já estudados.

Sobre as Atuações dos Voluntários: expectativas e necessidades

De acordo com os estudos realizados, o trabalho do voluntário em uma comunidade de aprendizagem consiste em:

[...] garantir a interação e a realização da atividade no grupo de sua responsabilidade, dinamizando a ajuda mútua e o respeito entre as crianças, jovens e/ou adultos. Também devem indicar ao professor ou professora da turma os avanços e dificuldades dos estudantes, algo que lhes tenha

incomodado ou causado preocupação na sala (MELLO, BRAGA, GABASSA, 2012, p. 127).

A atividade em grupo deve se dar orientada pelos princípios da aprendizagem dialógica. Entretanto, estes não são naturais em nossa sociedade, acostumada com domínio e poder. Para que eles sejam compreendidos, precisam ser vividos, lembrados, solicitados. Ter um adulto/jovem em sala além do professor contribui para a diversidade de interações e trocas de experiências. Como não é uma prática comum na escola, nem sempre os alunos acolhem o voluntário de modo a reconhecer a sua importância na perspectiva do discurso igualitário, conforme depoimento: *“Eu estava tentando explicar e as crianças ficaram zombando de mim por ter apenas 13 anos e ser aluno da escola. Mas não perdi o controle do grupo”* (voluntário E). Entendemos que o reconhecimento da possibilidade de se vivenciar uma atividade orientada pelos princípios pode não ser imediato, devendo ser retomado constantemente pelos professores, voluntários e estudantes, para que momentos como estes vividos pelo voluntário não ocorram.

Ao voluntário foi depositada a expectativa de garantir a interação e a realização da atividade. Diante disto, ele mostra-se preocupado com a empatia:

É bom brincar com os meninos enquanto ensina porque se for rígida demais o aluno vai falar: “já não gostei dela, não estou com interesse de aprender”, pelo menos é assim comigo (voluntário C)

Existe por parte do voluntário a preocupação em tornar o convívio com o aluno agradável. A voluntária A, diz de sua experiência “se não gosto dela (referindo-se à professora), não tenho interesse em aprender”. Com isto a aluna diz da importância da empatia do voluntário. Indica com isto a necessidade de na formação do voluntário conversar sobre modos de encaminhar a discussão para que o aluno participe, sem rigidez, mas sem perder de vista o objetivo da atividade. O voluntário atua de acordo com as suas experiências. Vários voluntários, disseram agir com as crianças, como gostariam que os professores do turno matutino agissem com eles: com interações que os envolvem ao conteúdo da matéria e que expliquem o conteúdo com uma linguagem mais clara e que se aproxime deles e que tenham uma relação positiva de empatia.

Pois é, isso que fiquei observando a professora, a cara dela porque do jeito que você explica para a criança independente se você for rude ou boazinha com ela, ela vai entender se eu explicar bem, ou outras aprendem brincando. Outras não. Se eu ver que a criança aceitou aquilo, eu sei como ela vai aprender. Como ela não entende pelo lado bom, eu sou mais séria. Por que você brinca com essa e com a outra você é séria? Também acho que deve ser criação (voluntário A)

Aqui, há uma descoberta por parte do voluntário que, a interação com o aluno, pode dar pistas de como proceder. Ele pode ser mais sério ou mais brincalhão. Na

interação decorrente do movimento dialético entre o fazer e o pensar sobre como fazer, o voluntário identificou a maneira como a criança entende e aprende por meio de um diálogo igualitário, sem posições autoritárias e indica que os professores também tem o que aprender: “Tem coisas que você fala séria e brincando e elas obedecem, e os professores não aceitam e continuam fazendo a mesma coisa” (Voluntário I). Ao ressaltar o valor da proposta de trabalho com jogos matemáticos, a voluntária E, avalia que os professores são metódicos e apenas explicam e ensinam a matéria de forma convencional e tradicional. Gostou da ideia do jogo para ensinar e achou que aproximou mais da linguagem da criança, que conseguiu aprender e se desenvolver fazendo algo que lhe é natural através da brincadeira com jogos.

Os voluntários trouxeram para a sua ação, a responsabilidade de ensinar e se preocupavam com suas próprias dificuldades: “no primeiro dia eu tive dificuldade porque eu não lembrava, era um jogo de lógica” (Voluntário G). O voluntário também aprende com a intervenção da professora no grupo: “Eu não sabia o que era sistema monetário (...). Eu perguntei para a professora” (Voluntário D). O professor, que não assume nenhum dos grupos deve então, ficar atento para fazer intervenções necessárias, procurando esclarecer dúvidas que não são resolvidas pelo grupo, ou complexificando-as. Assim, mais que ensinar o conteúdo, é papel dos voluntários identificar momentos em que o professor deve ser chamado para esclarecer o grupo. E, para que o voluntário tenha uma ação mais efetiva, é preciso que receba antes as questões a serem trabalhadas para que tenha sobre elas alguma compreensão, entretanto, o voluntário é mediador nas relações entre o grupo, não professor. A expectativa depositada no voluntário é prioritariamente o favorecimento de uma aprendizagem dialógica no grupo, valorizando a diversidade existente nas diferentes culturas que constituem os sujeitos. A empatia desejada pelo voluntário pode vir aos poucos, após maior convivência no grupo como nos coloca o voluntário em um de seus depoimentos: “A gente não conhecer a turma interfere muito” (Voluntário C). E constitui papel do professor favorecer esta aproximação. Sendo assim, quando algo estranho às suas expectativas ocorrer, deve fazer uma abordagem amigável, e esclarecedora. É preciso que o professor seja receptivo aos voluntários, respeitando suas características e as dificuldades. Os voluntários agem de acordo com suas concepções, e se o professor não compartilhar das

concepções do voluntário há que se falar sobre elas em momentos de formação. Um desencontro de concepções pode ser percebida nos depoimentos que seguem:

Algumas pessoas podem não gostar, a gente brincando com a menina e a professora não gostou muito. A criança é estimulada, né? Se eu estou fazendo isso aqui ela vai fazer a mesma coisa que eu. Não é verdade? Eu estava vendo pelo fato da brincadeira também ajudar a criança, porque a gente brincando elas aprendem também e eu e minha irmã a gente ajuda muito pela brincadeira “ faz isso não, mais cuidado ta bom? (Voluntário G)

[...]Joutra coisa também, foi na hora que a gente ‘bagunçou’, aí a professora não gostou muito. Aí a bibliotecária falou que faz parte do jogo. Aí a professora disse que não, com essa bagunça toda... e as crianças ficam perdidas?”(Voluntário D)

Pode-se observar então a necessidade de momentos sistemáticos para orientação de voluntários, auxiliando-os nas eventuais dificuldades que possam ter durante o trabalho na escola, sejam elas com relação ao conteúdo das atividades, aos modos de lidar com a diversidade do grupo. Sua atuação se dá segundo o conhecimento e estratégias que possuem de acordo com as suas vivências e é fundamental que o professor, atendendo a um dos princípios da aprendizagem dialógica perceba o voluntário com uma pessoa em formação e que como ele, tem saberes e necessidades de aprender. Assim como nos grupos interativos diversificadas e relações interpessoais positivas contribuem para o aprendizado, na relação professor e voluntário também a aprendizagem de ambos deve ocorrer.

Conclusão

O chamado, junto à comunidade, para o trabalho voluntario, teve boa aceitação, atraindo participantes de idade diversas, com predominância de estudantes da própria escola. Desde a primeira reunião os voluntários se mostraram desejosos de contribuir com a escola e apreensivos diante do novo. Tiveram uma atuação responsável, sem faltas ou atrasos, preocuparam-se em fazer o melhor trabalho cuidando da relação interpessoal com os alunos e preocupando-se em aprender o conteúdo para melhor atuar.

Os princípios da aprendizagem dialógica, forma conhecidos, mas pouco vivenciados durante as atividades. Entendemos que sua vivência dar-se-á como processo, pois há que se quebrar velhas concepções para que eles ganhem espaço. Isto indica a necessidade de uma um trabalho de esclarecimento tanto com os voluntários, quanto com alunos e professores. Inicialmente a idade dos voluntários interferiu na dinâmica dos grupos, pois os estudantes tiveram dificuldade em aceitar a sua orientação. Entende-se que o princípio do diálogo igualitário ainda não tinha sido bem compreendido.

De acordo com a proposta de Comunidade de Aprendizagem, para ser um voluntário é necessária disposição e tempo para estar nas atividades a ele destinadas. O estudo do vivido indica também a necessidade de qualificação, pois quando o voluntário compreende bem a atividade que está acompanhando e tem habilidade para o tratamento com os alunos seu trabalho tem melhores resultados. Para minimizar desencontro entre as expectativas dos voluntários, professores, estudantes, o voluntário deve atuar em áreas em que tenha conhecimentos, para melhor mediar o diálogo entre os estudantes. Torna-se também necessário que seja habilidoso na resolução de conflitos, na valorização das qualidades e no respeito às diferenças, pois a qualidade da interação do grupo, pelo que observamos, recebe a influência do modo como o voluntário se põe no grupo.

As habilidades acima indicadas podem ser aprendidas, afinal todos somos capazes de aprender, por isto, indicamos momentos sistemáticos para a avaliação do trabalho do voluntário e sua formação na escola. Nestes, professores e voluntários, poderão buscar modos de melhor realizar o trabalho na sala de aula.

Referências Bibliográficas

- AUBERT, A., FLECHA, A., GARCÍA, C., FLECHA, R., & RACIONERO, S. (2008). Aprendizaje dialógico en la sociedad de la información . Barcelona: Hipati
- APRENDIZAGEM DIALÓGICA. In **Comunidade de Aprendizagem**. Disponível em <http://wefithomologa.s3.amazonaws.com/wp-content/uploads/2015/07/aprendizagem-dial%C3%B3gica.pdf>, acesso em 10-07-2015.
- FORMAÇÃO DE VOLUNTÁRIOS. In **Comunidade de Aprendizagem**. Disponível em <http://www.comunidadeaprendizagem.com/uploads/materials/237/b5ce4a2ffa874a72bc095d6287f621e5.pdf>, acesso em 10-07-2015.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 35ª edição, 2003.
- GUIA DO VOLUNTARIO. In **Comunidade de Aprendizagem**. Disponível em <http://www.comunidadeaprendizagem.com/uploads/materials/33/bbe4ba6416e04519ba4c0a7619365e41.pdf>, acesso em 10-07-2015.
- INCLUD-ED. **RELATÓRIO INCLUD-ED FINAL** Estratégias para a inclusão e coesão social na Europa a partir da educação. Universidade de Barcelona, 2012. Disponível em <http://wefithomologa.s3.amazonaws.com/wp-content/uploads/2014/04/INCLUD-ED-Report-AF-RBooth.pdf>, acesso em 05-06-2015
- MELLO, R.R. de; BRAGA, F.M; GABASSA, V. **Comunidades de Aprendizagem: outra escola é possível**. São Carlos: EdUFSCAR, 2012.
- HABERMAS, Jürgen. **Consciência moral e agir comunicativo**. São Paulo: Brasiliense, 1989.